
Ânforas romanas provenientes da pesca de arrasto no Tejo, depositadas no Museu Municipal de Vila Franca de Xira

JOSÉ CARLOS QUARESMA

R E S U M O

Nos últimos anos, um conjunto de ânforas de época romana foi recolhido pelo Museu Municipal de Vila Franca de Xira, proveniente da pesca no Rio Tejo. Deste conjunto de 27 exemplares – 10 inteiros – destacamos um exemplar inteiro da Classe 67 (Guadalquivir) e um outro exemplar completo da Classe 15, de origem tagana ou sadina, o que testemunha a produção desta classe na Lusitânia.

R É S U M É

Dans les dernières années, un ensemble d'amphores d'époque romaine a été recueilli par le Musée de la Mairie de Vila Franca de Xira, provenant de la pêche dans le Tage. De cet ensemble de 27 amphores (dix complètes) on doit détacher l'amphore complète de la Classe 67 (Guadalquivir) et une autre amphore, aussi complète, de la Classe 15, provenant de la vallée du Tage ou de la vallée du Sado, qui témoigne la production de cette classe dans la Lusitanie.

Introdução¹

Nos últimos anos, o Museu Municipal de Vila Franca de Xira tem vindo a recolher um espólio anfórico de época romana, retirado das águas do Tejo pelos pescadores da região, na actividade de pesca de arrasto.

O presente estudo dá a conhecer esses materiais – num total de 27 contentores, 10 deles inteiros. Neste aspecto, destacamos o facto de estas recolhas no rio Tejo proporcionarem a segunda ânfora inteira da classe 67, depois da publicação do exemplar de La Cueva de las Peñas Blancas, Cartagena (Lillo Carpio, 1986) e um outro exemplar, inteiro, da Classe 15, de origem tagana ou sadina.

Não é possível apontar concretamente o local do leito do rio onde cada uma das ânforas repousava, pois cada arrasto é feito ao longo de várias milhas e as informações dos pescadores são algo vagas. Assim, as proveniências referidas ao longo do texto e do catálogo correspondem à extensão do arrasto que trouxe as ânforas à superfície.

Nos exemplares observados, existem um contentor de Classe 20/21 (n.º 18), um de Lusitana 3 (n.º 23) e um de Classe 3/4/5 (n.º 4), publicados anteriormente (Diogo e Alves, 1988-1989, n.ºs 1 a 3; Alves e Cardoso, 1994, p. 264-65; Diogo, 1987-1988, fig. 1). Para dar uma visão de conjunto mais correcta, decidimos incluir também os n.ºs 13 e 16, pertencentes às Classes 16 e 20/21, publicadas por D. Diogo e F. Alves (1988-1989, n.ºs 3 e 5), as quais pertencem a colecções particulares e não foram observadas por nós.

Dias Diogo havia já apresentado um outro conjunto anfórico de naufrágios situados na área de Salvaterra de Magos, conjunto esse depositado no Museu do Mar e descoberto da sequência de extracções de areia fluvial (Diogo, 1987). O presente trabalho vem assim na sequência de uma série de publicações sobre o curso inferior do Tejo, uma das vias de acesso ao interior mais importantes da costa ocidental. A potencialidade arqueológica desta área é bem expressa pelo aparecimento de restos de madeira em conjunto com o material anfórico, junto ao Mouchão da Póvoa, que poderão pertencer ao que resta de possíveis barcos afundados (Diogo e Alves, 1988-1989, p. 230).

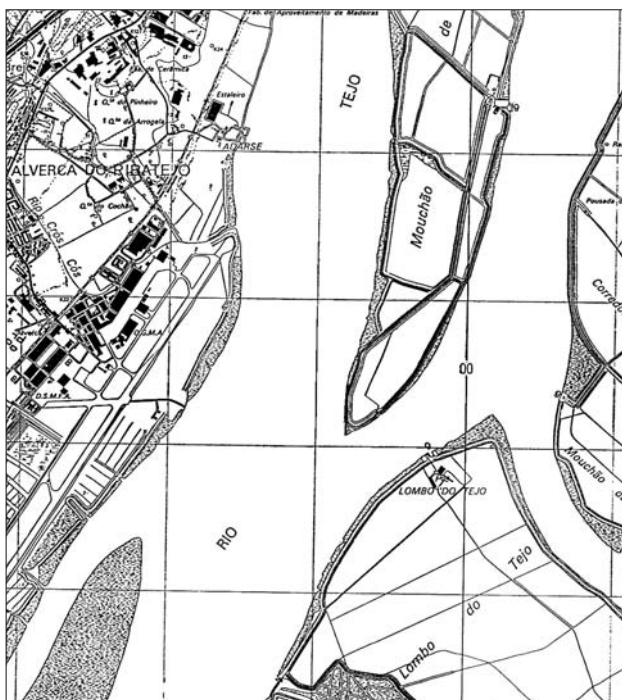


Fig. 1 Principal área de recolha de ânforas. Extraído da CMP, escala 1/25 000, folha n.º 404.

1. O material anfórico

1.1. Ânforas itálicas tardo-republicanas

1.1.1. Classe 2 (=greco-itálicas)?

A classificação dos exemplares em estudo não é conclusiva. O que primeiro nos chamou a atenção, nos n.ºs 1, 2 e 3 foi o arqueamento das asas e a relativa pouca altura dos colos, o que nos fez suspeitar estarmos perante contentores de transição para a classe 3/4/5 (=Dressel 1 a, b, c), mas ainda classificáveis como greco-itálicas.

Ao lermos as propostas de cálculos matemáticos para a distinção entre a Classe 2 e a Classe 3/4/5, no artigo de F. Gateau (1990, p. 167-70) sobre o material anfórico proveniente das escavações de sítios da actual Provença ocidental, deparámos com a dificuldade, também sentida pela autora, em aceitar os resultados dos índices que relacionavam a altura/largura do lábio, diâmetro mínimo do colo/altura do lábio, ou mesmo as características da união entre o colo e a pança.

Refira-se, por exemplo, que a união colo/pança suave pode ser característica da greco-italica ou da Dressel 1c (Gateau, 1990, p. 70).

Os três exemplares em estudo apresentam lábios altos, característicos da Dressel 1, pelo que o índice altura/largura do lábio nos forneceu sempre valores superiores a 1, considerados como referentes à Dressel 1 (Gateau, 1990, p. 168). O índice que nos pareceu mais plausível, pois reporta-se a toda a peça, foi o da relação altura (excepto bico fundeiro)/largura máxima da peça. Segundo a proposta de A. Tchernia (Gateau, 1990, p. 167), um valor inferior a 2,9 indicaria a classificação como greco-italica. Os cálculos efectuados indicaram valores de 2,72 para o n.º 3 e de 2,79 para o n.º 2. Os corpos destes dois contentores são semelhantes ao da terceira ânfora da fig. 2 do artigo de F. Gateau (1990), que reproduz a forma mais recente das greco-italicas. Uma característica em comum nas duas ânforas provenientes do Tejo é a quase inexistência de bico fundeiro, sobretudo no n.º 2.

Poderemos estar, assim, perante três exemplares de ânforas da Classe 2 (=greco-italicas) tardias, com síntese de atributos desta classe e da Classe 3/4/5, o que não é de todo estranho pois a transição entre ambas as formas parece efectuar-se sem rupturas (Gateau, 1990), p. 165).

As ânforas da Classe 2 foram produzidas na Etrúria, Campânia e Lácio, embora a Sicília e a Magna Grécia sejam igualmente prováveis áreas produtoras (Hesnard et al., 1989, p. 60). A semelhança entre as pastas destes exemplares e as das peças da Classe 3/4/5, estudadas adiante, levam-nos a localizá-las nas áreas mais centrais da península itálica, nomeadamente a Campânia, a proveniência destes três contentores. O facto de serem estas regiões a produzir a Classe 3/4/5 reforça a naturalidade de uma evolução morfológica suave dos contentores.

Devem datar-se da segunda metade do século II a.C., já que no último terço desta centúria desaparece dos registos arqueológicos a greco-italica e surge a Dressel 1 (Gateau, 1990, p. 165).

Esta ânfora, provavelmente vinária — este conteúdo não está comprovado (Peacock e Williams, 1986, p. 85) — está pouco documentada no território actualmente português. Conhece-se um exemplar em Chões de Alompé (Fabião, 1989, p. 99-100) e outros das Mesas do Castelinho (Fabião, 1998, p. 175). Este panorama quantitativo, bem como a antiguidade deste contentor, sugerem, para alguns autores (Fabião, 1998, p. 175), não uma comercialização do vinho itálico, mas a chegada de abastecimentos aos exércitos envolvidos nas campanhas militares de conquista do Ocidente peninsular.

1.1.2. Classe 3/4/5 (=Dressel 1 a, b, c)

A Classe 3/4/5 foi produzida na Etrúria, Campânia e Lácio, entre o último terço do século II a.C. e meados da centúria seguinte (Gateau, 1990, p. 166). A divisão morfológica e cronológica tripartida (Classes 3 a 5) é criticada por alguns autores, sobretudo porque continua bastante difícil traçar um quadro cronológico evolutivo entre as três formas (Gateau, 1990, p. 166).

Embora conteúdo vinário seja o mais conhecido — há *tituli picti* em ânforas das Classes 3 e 4 (Peacock e Williams, 1986, p. 87, 92) —, duas ânforas das Classes 3 e 5, respectivamente, pertencentes ao naufrágio de Cavalière possuíam azeitonas no seu interior (Peacock e Williams, 1986, p. 87, 92).

No espólio em estudo, esta Classe esta representada pelos n.ºs 4 a 8. Efectuámos o cálculo do índice altura da peça (excepto bico fundeiro)/largura máxima e os resultados foram os seguintes: n.º 6 (3,01), n.º 7 (3,3). É ainda de notar a extrema semelhança do fundo do n.º 4 com o fundo do n.º 2, o que poderia supor uma classificação comum, na Classe 2, embora tal não seja líquido. Do mesmo modo, o arqueamento das asas do n.º 6 é outro indicador de estarmos perante contentores de transição entre as Classes 2 e 3/4/5.

1.2. Ânforas béticas e lusitanas tardo-republicanas/alto-imperiais

1.2.1. Classe 32 (=Maña C2b) gaditana

O fragmento n.º 9 pertence ao tipo Maña C2b, caracterizado por J. Ramón, aquando do estudo dos materiais de Ibiza (1981, p. 11). Ânfora de colo alto, distingue-se da sua antecedente – Maña C2a – por não possuir linha de quebra de perfil entre o colo longo e a pança.

Este contentor está intimamente relacionado com o “círculo do estreito”², estando comprovado o seu fabrico nas costas norte-africanas ocidentais (Ramon, 1981, p. 11) e na costa andaluza, particularmente a gaditana (Arruda e Almeida, 1998, p. 211).

O século I a.C. é o período de apogeu desta forma (Ramon, 1981, p. 11), mas o início da sua produção recua a um momento impreciso na segunda metade do século II a.C.; a variante c alcança o terceiro quartel da primeira centúria antes da nossa era (Arruda e Almeida, 1998, p. 212).

Sucedem-lhes, na área andaluza, a ânforas de preparados de peixe, Classes 14 (=Dressel 12) e 16 (=Dressel 7-11). Este é um dos argumentos utilizados para se deduzir que o seu conteúdo seria exactamente os preparados de peixe, o que ficou comprovado com a inscrição sobre um contentor, em Castro Pretório, que informava sobre o transporte de *halex* (Ramon, 1981, p. 16). A detecção de um contentor, em Ibiza, com resina no interior, levou J. Ramon a pensar num conteúdo vínico (1981, p. 16), algo que hoje é interpretado também como indicador de transporte de preparados de peixe (Arruda e Almeida, 1998, p. 209). Contudo, o seu conteúdo vínico, cumulativo ao de preparados de peixe, foi entretanto conhecido através de um *titulus pictus* sobre uma ânfora proveniente de Mesas de Asta, sem cronologia: “VIN/D \” (García Vargas, 1998, p. 65).

O exemplar em estudo, n.º 9, possui uma pasta depurada, compacta, semelhante à do fabrico 3 descrito em Santarém, relacionado com o Norte de África, mas também com as baías de Cádiz e Algeciras (Arruda e Almeida, 1998, p. 215-216) e análoga às dos n.ºs 15 – Classe 18 – e n.º 27 – Classe 31 –, que estudaremos adiante – e que julgamos proveniente das áreas litorais andaluzas, nomeadamente gaditanas. Inclínamo-nos, por isso, para uma proveniência das costas da actual Andaluzia, possivelmente gaditana, deste exemplar.

1.2.2. Classe 67 (Guadalquivir)

Esta Classe foi definida por C. Fabião, aquando do estudo do material anfórico do acampamento militar romano da Lomba do Canho (Fabião, 1989, p. 65).

Deve ser um modelo evoluído a partir de antecedentes neo-púnicos, como a Maña C2, na qual os oleiros terão se inspirado, ao nível do bordo (Molina Vidal, 1993, p. 419).

Os n.ºs 10 e 11 apresentam bastantes similitudes ao nível do colo e do bordo, mas também ao nível da pança, pelo que é visível no primeiro deles. Embora pertencentes a uma Classe considerada nas “ânforas ovóides tardo-republicanas” (Fabião, 1989, p. 65), estes exemplares apresentam uma pança mais alargada na parte superior e mais estreita na inferior. Apenas uma outra ânfora inteira encontra-se publicada: provém de La Cueva de Las Peñas Blancas (Cartagena), cujos materiais estão datados de finais do século II a.C. ou inícios do século III a.C. (Lillo Carpio, 1986). Este exemplar publicado apresenta um bordo mais acampanado e um corpo cilíndrico mais desenvolvido do que o n.º 10 e um bico fundeiro que apenas é compacto junto à base.

Os exemplares mais antigos da Classe 67 estão documentados em níveis do século II a.C., em Tarragona, no naufrágio de Sant-Jordi (ao largo de Maiorca), datado do último quartel do século II a.C., em Punta de l'Arenal (Alicante) — entre 138 e 50 a.C. (Fabião, 1989, p. 66).

Os dados de vários sítios, como *Albintimilium*, Vieille Toulouse, Cerro del Mar, *Baelo* e naufrágio de San Ferreol (ao largo de Cartagena), apontam para uma cronologia centrada no século I a.C. (Fabião, 1989, p. 66).

Em sítios como El Molinete (Cartagena) e Loma de Herrerías (Mazarrón) documenta-se o seu desaparecimento na etapa augustana (Molina Vidal, 1993, p. 420).

Tituli picti provenientes do naufrágio de San Ferreol indicam os preparados de peixe como conteúdo (Fabião, 1989, p. 66), algo que já era entrevisto pelas relações morfológicas entre esta Classe e as Classes 32 e 16 (antecessora e sucessora), também elas destinadas ao transporte deste alimento. Relembremos, no entanto, que a Classe 32 (=Mañá C2b) também poderia transportar vinho (ver *supra*). Dispersões cronológica e geográfica semelhantes, bem como a analogia das pastas, entre a Classe 67 e a Classe 15 podem constituir um outro argumento para esse conteúdo. Estas mesmas semelhanças de fabrico são também elas indicadoras de uma área de produção algures no baixo Guadalquivir (Molina Vidal, 1993, p. 420). Um exemplar deformado, em Sala, levanta a hipótese de uma produção secundária norte-africana (Fabião, 1989, p. 65).

Os contentores em estudo, n.^{os} 10 e 11, possuem pastas semelhantes, porosas, e com bastantes elementos não plásticos, o que nos sugere, igualmente, uma origem andaluza, na área do baixo Guadalquivir (Molina Vidal, 1993, p. 420).

1.2.3. Classe 15 (=Haltern 70) do Guadalquivir e do Tejo ou do Sado. Classe 16 gaditana

A Classe 15 também se integra no grupo das chamadas “ânforas ovóides”. A sua morfologia relaciona este tipo com a Classe 6, tarraconense (de provável conteúdo vinário: Peacock e Williams, 1986, p. 94) e 16, bética (que transportava preparados de peixe, como a *muria*: Peacock e Williams, 1986, p. 118), contentores que fazem a transição cronológica entre a República e o Império (García Vargas, 1998, p. 98).

A época de maior comercialização desta ânfora centra-se nos Júlios-Cláudios, quando abunda no *limes* germânico, ou em Ostia, mas o começo da produção deve recuar a 60-50 a.C., a ver pela sua presença no naufrágio de La Madrague de Giens (García Vargas, 1998, p. 98). O centro oleiro de Puente Melchor fabricava contentores desta Classe ainda na segunda metade do século I d.C. (García Vargas, 1998, p. 98) e os dados de Roma podem alcançar os inícios do século II (Fabião, 1994, p. 18).

A publicação recente dos naufrágios de Escombreras, na costa levantina vem confirmar estas propostas: em Escombreras 3 (princípios do século I d.C.), a Haltern 70 domina, existindo também as Classes 67, 6 (adriática), 10 (da Tarraconense e da Campânia) e a Classe 6 (da Tarraconense); em Escombreras 4 (segunda metade do século I d.C.), a Haltern 70 é muito abundante e surge em associação com a Dressel 8 e 9, mas também com Beltrán IIb e Dressel 14 (Pined Reyes e Alonso Campoy, 2004, p. 138-148).

Os bordos dos n.^{os} 12 e 14 classificam-se na fase 1 de Carreras Monfort (2003, p. 85), com topo plano ou arredondado, datado desde meados do século I a.C. até Cláudio/Nero.

Exemplares com grainhas são prova do conteúdo vínico (Fabião, 1994, p. 18), embora contentores provenientes do naufrágio de Port Vendres II contenham *tituli picti* com a informação de *defructum* — licor de uva (Peacock e Williams, 1986, p. 116); além disso, a constatação de azeito-

nas alguns casos é lida como um indicador de transporte de subprodutos vínicos (Fabião, 1994, p. 18, 1998, p. 179).

O exemplar n.º 12 possui uma pasta semelhante, também ela porosa, apenas diferindo na tonalidade, mais avermelhada, das da Classe 67, estudadas no ponto anterior. Pensamos assim que possua uma origem situada igualmente no baixo Guadalquivir, o que já é apontado por vários autores em relação a esta Classe (Molina Vidal, 1993, p. 420; Peacock e Williams, 1986, p. 114).

Contudo, o n.º 14 possui pasta semelhante às habitualmente descritas nos contentores produzidos nos vales do Tejo ou do Sado, o que nos coloca perante a hipótese de o n.º 14 provir de área lusitana. Estaríamos assim, perante o primeiro contentor inteiro produzido no Ocidente peninsular, reforçando o papel da Classe 15 na modelação da Classe 20/21. A pança, irregular, do n.º 14 é mais cilíndrica do que o habitual nesta classe, dando até a impressão de ser ligeiramente mais larga na sua metade inferior.

Como abordaremos infra, no estuário do Sado, em Abul, a produção de Haltern 70 e Dressel 7-11 está atestada em época augusto-tiberiana, existindo igualmente dados semelhantes para produções destes tipos na área de Peniche (Mayet e Silva, 2002, figs. 13-16; Fabião, 2004, p. 388-395).

Refira-se também que em materiais provenientes de escavações do centro histórico de Coruche, num conjunto que se centra em época augusta e primeira metade do século I d.C., um bordo de Classe 15 possui pasta muito semelhante a este contentor (Quaresma, no prelo).

Por último, acrescentamos neste ponto a publicação de um contentor inteiro da Classe 16, n.º 13 (Diogo e Alves, 1998-1989, n.º 5), cuja distribuição se encontra relacionada com a da Classe 15 (Panella, 2001, p. 205). De origem gaditana, este contentor piscícola foi produzido entre finais do século I a.C. e o século I d.C. (Peacock e Williams, 1986, p. 119), embora C. Panella (2001, p. 205) aponte a sua substituição pela Beltrán II, entre outras, durante Tibério ou Cláudio.

1.2.4. Classe 18 (=Beltrán IIa) gaditana

Os contentores desta Classe, representada pelo n.º 15, transportavam preparados de peixe, como *garum*, *liquamen*, *laccatum*, *limpha*, *codex* e *abdo(mina) m(embratim) c(aesa)* chegando a estar integrados em fortes estruturas comerciais, como demonstra igualmente uma inscrição sobre ânfora, proveniente de Cartagena: “*garum sociorum*” (Beltrán Lloris, 1977, p. 103). Informações provenientes de naufrágios levantam a hipótese de uma utilização cumulativa vinária (Fabião, 1998, p. 183).

Os contentores também destinados ao comércio de preparados de peixe, Classes 16 e 17, constituem o foco de inspiração da Classe 18, com a qual convivem parcialmente no tempo (García Vargas, 1998, p. 107; Peacock e Williams, 1986, p. 122). García Vargas considera problemática a aceitação do começo da produção no principado de Augusto, devido à ausência de elementos desta forma em fornos de cronologia augustana, como Torre Alta, Gallineras, Cerro de los Mártires ou El Gallinero. Os dados mais consistentes referem-se aos séculos I e II da nossa era: os fornos de Olivar de los Valencianos, cuja actividade começa em Tibério; níveis da segunda metade do século I, em Ostia e nos fornos de Villanueva. Os exemplares mais recentes provêm de Puente Melchor, na segunda metade do século II, considerada a etapa final do fabrico desta Classe, já que os fragmentos das Termas do Nadador, em Ostia, pertencentes ao século III, são considerados residuais (García Vargas, 1998, p. 107-108).

O fragmento n.º 15 possui uma pasta depurada e compacta, atribuível à zona gaditana, como outros autores costumam precisar (Peacock e Williams, 1986, p. 122). Embora as características

do bordo e do colo possam integrá-la na variante Beltrán IIaC de García Vargas (1998, fig. 6, n.º 6), a verdade é que, como o próprio autor informa, as caracterizações tipológicas para este conjunto de ânforas estão ainda numa fase pouco desenvolvida, até porque a escassez de exemplares inteiros na área gaditana não permite avançar como desejável nesse campo (García Vargas, 1998, p. 105). Além disso, o facto de o n.º 15 apenas possuir bordo, colo e asas não permite qualquer classificação tipológica mais fina.

1.2.5. Classe 20/21 (=Dressel 14) lusitana

As pastas dos contentores estudados enquadram-se nas descrições existentes sobre os centros oleiros dos vales do Tejo e Sado (Raposo, 1990; Mayet, Schmitt e Silva, 1996), não, sendo plausível, porém, efectuar uma distinção entre os produtos das duas áreas.

Os oleiros que fabricaram os primeiros contentores desta forma ter-se-ão inspirado noutros de origem bética, tardo-republicanos/alto-imperiais, como as Classes 14, 16 e 19 (Fabião e Carvalho, 1990, p. 47), bem como a Classe 15 (Mayet e Silva, 1998, p. 62). Nos fornos de Abul, no Sado, está documentada essa transição formal, datada de Augusto/Tibério (Mayet e Silva, 1998, p. 62). Neste sítio os depósitos da Classe 20/21 encontram-se sobre um nível augusto-tiberiano que contém imitações de Dressel 7-11 e de Haltern 70 (Mayet, 2001, p. 279; Mayet e Silva, 2002, figs. 13-16).

A produção da Classe 20/21, propriamente dita, parece situar-se em meados do século I d.C. e prolongar-se até finais do século II ou primeira metade do III, embora o exemplar mais antigo provenha do naufrágio de Sud-Lavezzi 3, ao largo da Córsega, datado do primeiro quartel do século I d.C., e a estratigrafia de Ostia date o seu desaparecimento na primeira metade do século III (Fabião e Carvalho, 1990, p. 41-42, 48). A cronologia dos depósitos de Abul indica uma plena produção já em Cláudio; Mayet (2001, p. 278-279) nega, no entanto, que ainda seja produzida no século III.

As ânforas desta Classe transportavam *liquamen* e *muria* — segundo os *tituli picti* conhecidos — e possivelmente outros tipos de preparados de peixe, a ver pelos restos de fauna ictiológica encontrados em contentores no naufrágio de San Antonio Abad, ao largo de Ibiza (Fabião e Carvalho, 1990, p. 41-42).

Apesar da constância morfológica, sobretudo no que respeita à pança, várias distinções são entrevistas por C. Fabião e A. Carvalho (1990, p. 47) e mais precisadas pelos estudos concretos dos materiais dos dois vales. Os n.º 17 pode ser classificado no grupo b de Porto dos Cacos (Raposo, 1990, p. 125) ou nos grupos a) e b) do Pinheiro (Mayet e Silva, 1998, p. 62), com cronologia, neste último centro, da segunda metade do século I d.C. Tendo em consideração as características do bocal, trata-se de contentores com bordo em banda ou de secção subtriangular, e ainda com bicos fundeiros não tão desenvolvidos como na fase final da produção. Nesta terceira e última fase definida pelos recipientes do Pinheiro integram-se os contentores n.ºs 16 e 18 e o fundo n.º 21, cujo botão na base (a par do do n.º 16) indicia a classificação proposta. Os materiais sadinos com estas características estão datados do século II (Mayet e Silva, 1998, p. 64).

1.2.6. Lusitana 3 e Almagro 51 c (lusitanas). Classe 31 (gaditana)

A proposta de D. Diogo (1987a) — Lusitana 3 — parece-nos a mais concreta para os n.ºs 22 a 25, contentor, no entanto, ainda mal definido tipologicamente. Muitas vezes englobado nas

produções da Classe 23 ou Almagro 51 c (Peacock e Williams, 1986, p. 132; Mayet, 2001; Panella, 2001), esta ânfora de pé-de-anel baixo e côncavo, pança piriforme e colo curto, de bordo vertical ou quase, com ou sem canelura externa e altura que ronda os 50 cm (Diogo, 1987a, p. 184) parece ter como protótipos a Classe 27 (=Gauloise 4), ânfora vinária do Sul da actual França, produzida entre meados do século I e o século III, e a Classe 38 (=Dressel 30), ânfora provavelmente oleária, fabricada na *Mauretania Caesariensis* e datada, em Ostia, nos séculos III e IV, embora o seu começo possa situar-se já no século II (Peacock e Williams, 1986, p. 142-143 e 171-172). Da primeira parece imitar o fundo e a pança; da segunda, o bordo, embora não tão desenvolvido.

F. Mayet, A. Schmitt e C. T. da Silva (1996, p. 21-22) definem-na como uma variante mais antiga da Almagro 51 c, denominando-a Almagro 51 cA, teoria novamente defendida por F. Mayet (2001, p. 281), sugerindo um início no século II d.C., muito provavelmente no fim da centúria.

J. Raposo (1990, p. 125) assinala a abundância da “forma afim à Dressel 30”, nos sectores 1 e 3 do Porto dos Cacos.

O conteúdo da Lusitana 3 continua por provar. Embora o conteúdo piscícola não seja de excluir, pela sua relação com a Almagro 51 c e pela sucessão à Classe 20/21 (Fabião e Carvalho, 1990, p. 51), também se refere o vinho como hipótese (Diogo, 1987a, p. 184; Fabião, 1998, p. 155), ou o azeite (Diogo, 1987a, p. 184). Quando D. Diogo e F. Alves estudaram a ânfora n.º 23 do nosso artigo, indicaram o vinho como provável conteúdo, devido à constatação de resina no interior do recipiente (Diogo e Alves, 1988-1989, p. 230 e fig. 2, n.º 1).

Quanto à cronologia, D. Diogo (1987a, p. 184) data o início da produção nos começos do século II; surge em níveis do século II e III na Ilha do Pessegueiro (Silva e Soares, 1993, p. 109).

O único exemplar de Almagro 51 c, n.º 26, é um fundo análogo o n.º 5 de Mayet (2001, p. 281), o que para a autora, é uma forma intermédia entre a Almagro 51 cA e a Almagro 51 c propriamente dita, de corpo fusiforme e fundo maciço. A fase intermédia possui, para além do pé-de-anel cilíndrico e oco, um corpo ainda piriforme e bordo alto, e estaria em plena difusão no século III.

Por fim, um exemplar de Classe 31, n.º 27, de origem gaditana, deverá datar-se entre finais de Augusto e a primeira metade do século II. Também de provável inspiração formal na Gauloise 4, esta ânfora poderá ter transportado vinho e preparados de peixe, a ver pela sua morfologia e área de produção (Peacock e Williams, 1986, p. 149-50).

Alguns apontamentos para conclusões

O maior quantitativo detectado junto ao Mouchão da Póvoa — 12 ânforas — permite equacionar a hipótese de, pelo menos, dois naufrágios nesta área, em face de dois grandes conjuntos cronológicos que os materiais apresentam: um, de época tardo-republicana, até meados do século I a.C.; outro, de cronologia alto-imperial, a partir de meados do século I d.C. *Grosso modo*, o primeiro conjunto pode incluir as Classes 32, 2, 2/3/4 e 67 (n.os 2, 3, 5, 7, 9 e 11); e o segundo grupo, as Classes 18 e 20/21 (n.os 16, 17, 18, 20 e 21). O exemplar n.º 12 — Classe 15 — pode ter uma cronologia intermédia e formar um terceiro segmento cronológico relativo a um terceiro naufrágio, entre meados do século I a.C. e meados da centúria seguinte.

Catálogo

1 (AR-123) – Bordo, colo com arranque de pança e asas. Classe 2 = Greco-italica? Origem italiana.

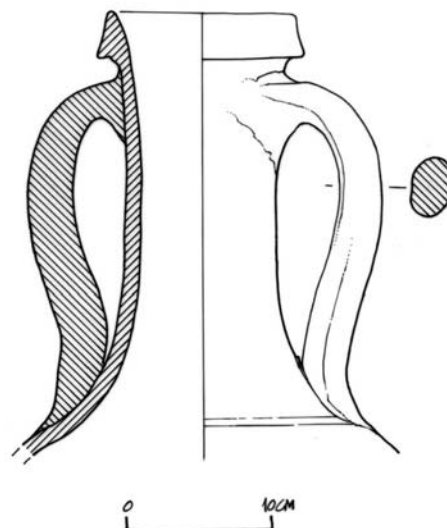
Pasta algo porosa. Grão médio. Cor N19 = 10 R 6/6 = vermelho claro. E.n.p. compostos por bastantes areias negras, algum quartzo hialino e pouca mica branca de pequenas dimensões. Engobe residual de cor K71 = 10 YR 9/2 = branco.

Bordo levemente extrovertido, de secção triangular. Colo cilíndrico, separado da pança por uma linha de quebra de perfil. Asas algo arqueadas, de secção oval.

Diâm. int. do bordo: 11,5 cm. Alt. do colo: 28,5 cm.

Larg. mín. do colo: 10,4 cm.

Encontrada entre Alcochete e o Mouchão da Póvoa.



Est. 1

2 (AR-125) – Peça a que apenas falta uma asa. Greco-italica. Origem italiana.

Pasta algo porosa. Grão médio. Cor M67 = 7,5 R 7/4 = rosa. A superfície externa possui manchas de cor P92 = 5 Y 5/1 = cinzento. E.n.p. compostos por bastantes areias negras, algum quartzo hialino, sempre de pequenas dimensões.

Bordo de secção triangular. Colo bitrocónico. Asas ligeiramente arqueadas, de secção oval, assentam sobre um ombro. Corpo de secção subtriangular. Fundo plano, sem bico.

Alt.: 88,2 cm. Diâm. int. do bordo: 12,5 cm. Alt. do colo: 27,2 cm. Diâm. máx. do colo: 15,1 cm. Larg. máx. da pança: 31,2 cm.

Encontrada junto ao bico do Mouchão da Póvoa.

3 (AR-76) – Peça intacta. Classe 2 = Greco-italica. Origem italiana.

Pasta semi compacta, algo depurada. Grão médio. Cor L25 = 10 R 7/3 = rosa. E.n.p. compostos por algumas areias negras, quartzo hialino, feldspatos e mica branca de pequenas dimensões. Engobe parcialmente conservado, cor L71 = 10 YR 8/3 = castanho muito claro. Bordo de secção triangular, extrovertido e formando um lábio ligeiramente pendente. Colo troncocónico que abre em direcção ao bordo. Asas longas, um pouco arqueadas no cimo, de secção losânguica, assentam num ombro bem marcado sobre a pança. Pança de secção subtriangular. O bico fundeiro, compacto, é curto.

Possível grafito, de incisão superficial, entre o bico fundeiro e a pança.

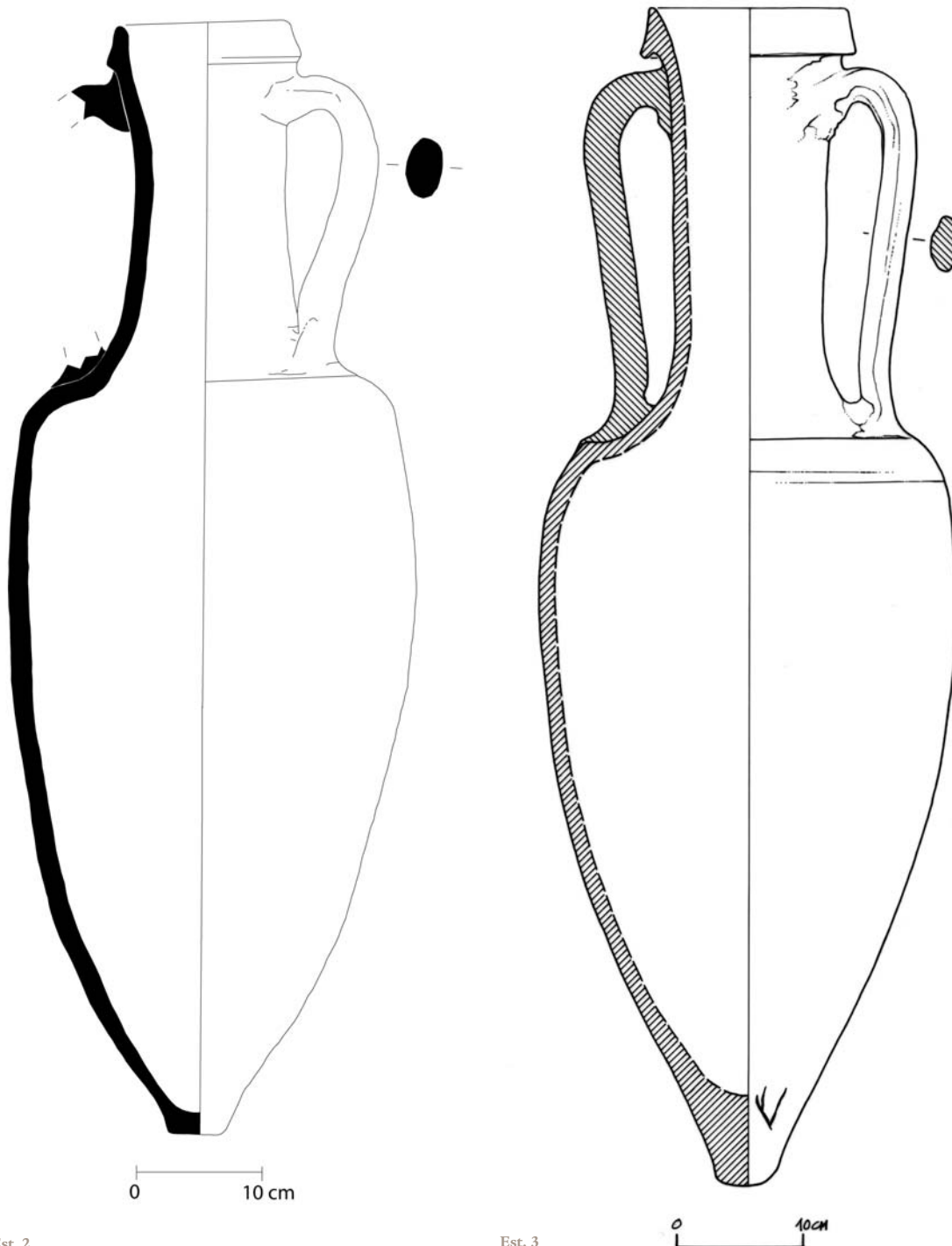
Alt.: 94,2 cm. Diâm. Int. do bordo: 14,5 cm. Larg. Máx. da pança: 32,8 cm. Alt do colo: 35 cm. Larg. máx. do colo: 14,3 cm.

Encontrada junto ao Mouchão da Póvoa.

Encontra-se em exposição no Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

4 (AR-71 = Diogo; Alves, 1988-89, n.º 4 = Diogo, 1987-1988, fig. 1) – Peça com fundo e pança intactos. Arranque de asas e de colo. Classe 3/4/5 = Dressel 1a, b, c. Origem italiana.

Pasta semicomcompacta, algo laminar. Grão fino/médio. Cor L25 = 10 R 7/3 = rosa. E.n.p. compostos por bastantes areias negras, quartzo leitoso, feldspatos e calcite de pequenas dimensões.



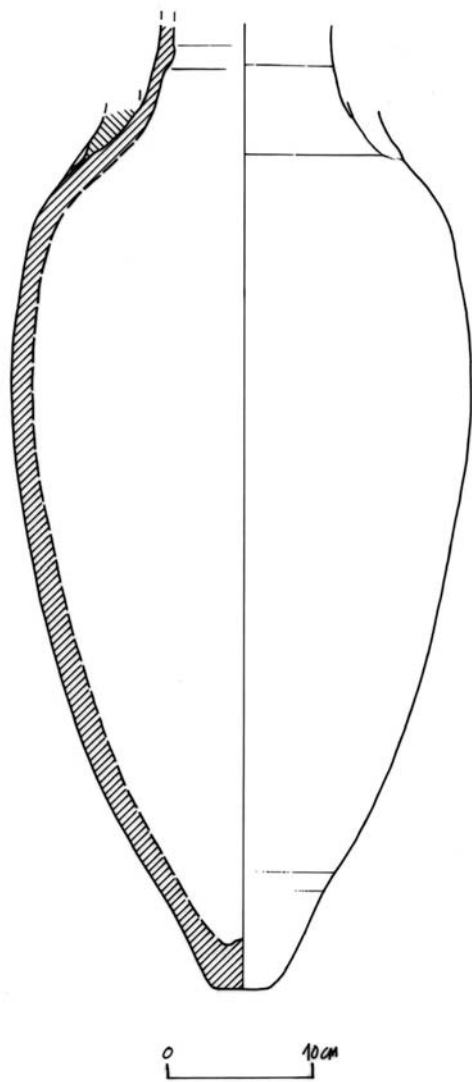
Est. 2

Est. 3

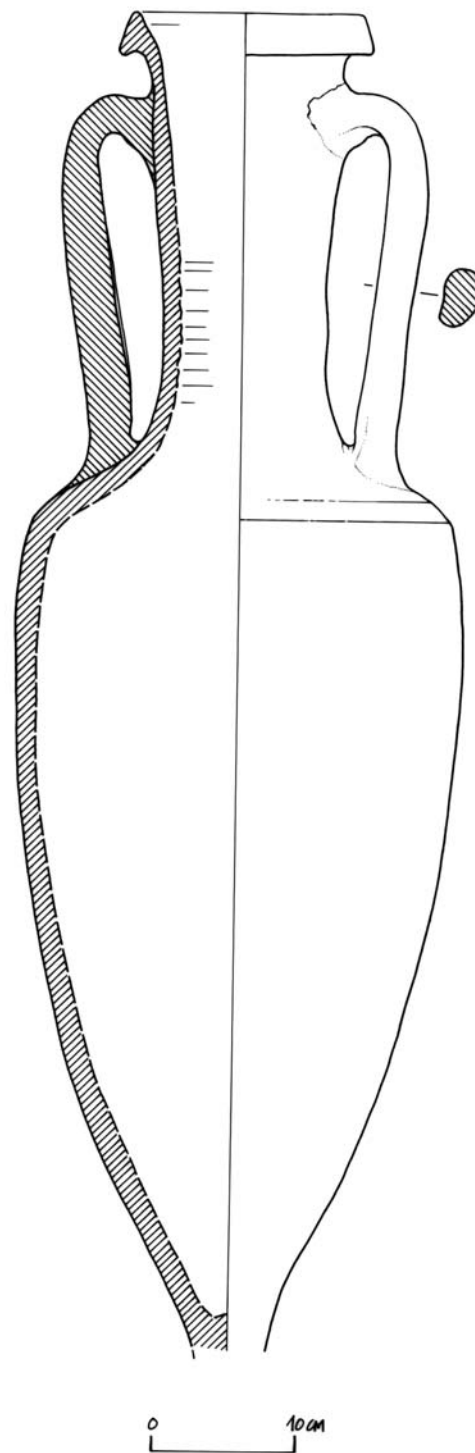
Bico fundeiro curto, compacto. Pança de secção subtriangular. Asas de secção oval assentam sobre ombro descaído.

Encontrada junto a Alhandra.

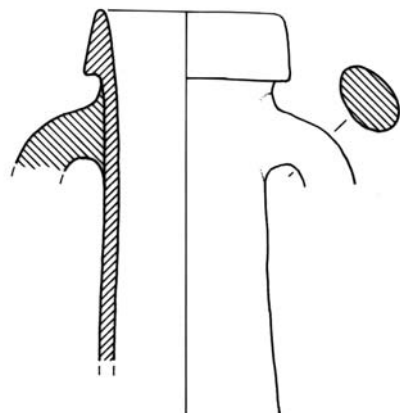
5 (AR-124) – Bordo e colo cm arranque de asa. Classe 3/4/5 = Dressel 1 a/b/c. Origem itálica. Pasta porosa, com vácuos redondos muito pequenos. Grão médio. Cor L47 = 2,5 YR 7/4 = rosa, estando as zonas laterais enegrecidas. E.n.p. compostos por bastantes areias negras, alguns



Est. 4



Est. 6



Est. 5

feldspatos de pequenas, médias e grandes dimensões e mica branca de pequenas dimensões. Bordo de secção triangular. Colo levemente troncocónico. Asas de secção oval.

Diâm. int. do bordo: 11,9 cm. Larg. máx. de colo observável: 12,8 cm.

Encontrada junto ao Mouchão da Póvoa.

6 (AR-078) – Peça a que apenas falta o bico fundeiro. Classe 3/4/5 = Dressel 1 a/b/c. Origem itálica.

Pasta semicompacta, algo laminar. Grão fino/médio. Cor L25 = 10 R 7/3 = Rosa. E.n.p. compostos por bastantes areias negras, quartzo leitoso, feldspatos e calcite de pequenas dimensões.

Bordo de secção triangular formando um lábio ligeiramente pendente. Colo troncocónico que esverte na altura do bordo. Asas longas, de secção oval, um pouco oblíquas, assentam num ombro bem marcado sobre a pança. Corpo de secção sub-triangular. O bico fundeiro, incompleto, seria compacto.

Alt. observável: 92,4 cm. Diâm. Int. do bordo: 14,6 cm. Larg. máx. da pança: 31,2 cm. Alt do colo: 35,6 cm. Larg. máx. do colo: 15,6 cm.

Encontrada ao largo de Alhandra.

7 (AR-118) – Peça intacta. Classe 3/4/5 = Dressel 1 a/b/c. Origem itálica.

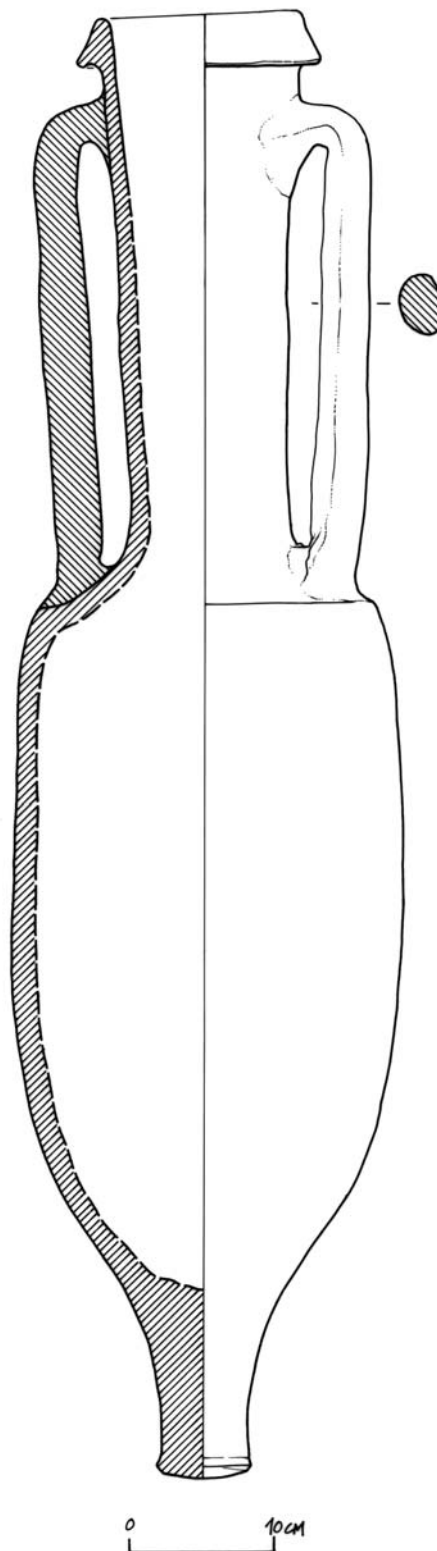
Pasta semicompacta. Grão fino-médio. Cor L25 = 10 R 7/3 = Rosa. E.N.P. compostos por algumas areias negras, feldspatos, quartzo hialino e leitoso, de pequenas médias e grandes dimensões e mica branca de pequenas dimensões. Engobe mal conservado cor L71 = 10 YR 8/3 = castanho muito claro. Superfícies muito alteradas pelas concreções.

Bordo de secção triangular, formando um lábio ligeiramente pendente. Colo troncocónico que abre em direcção ao bordo. Asas longas, quase verticais, de secção oval, assentam num ombro bem marcado sobre a pança de secção cilíndrica. O bico fundeiro, compacto, é algo espessado na base.

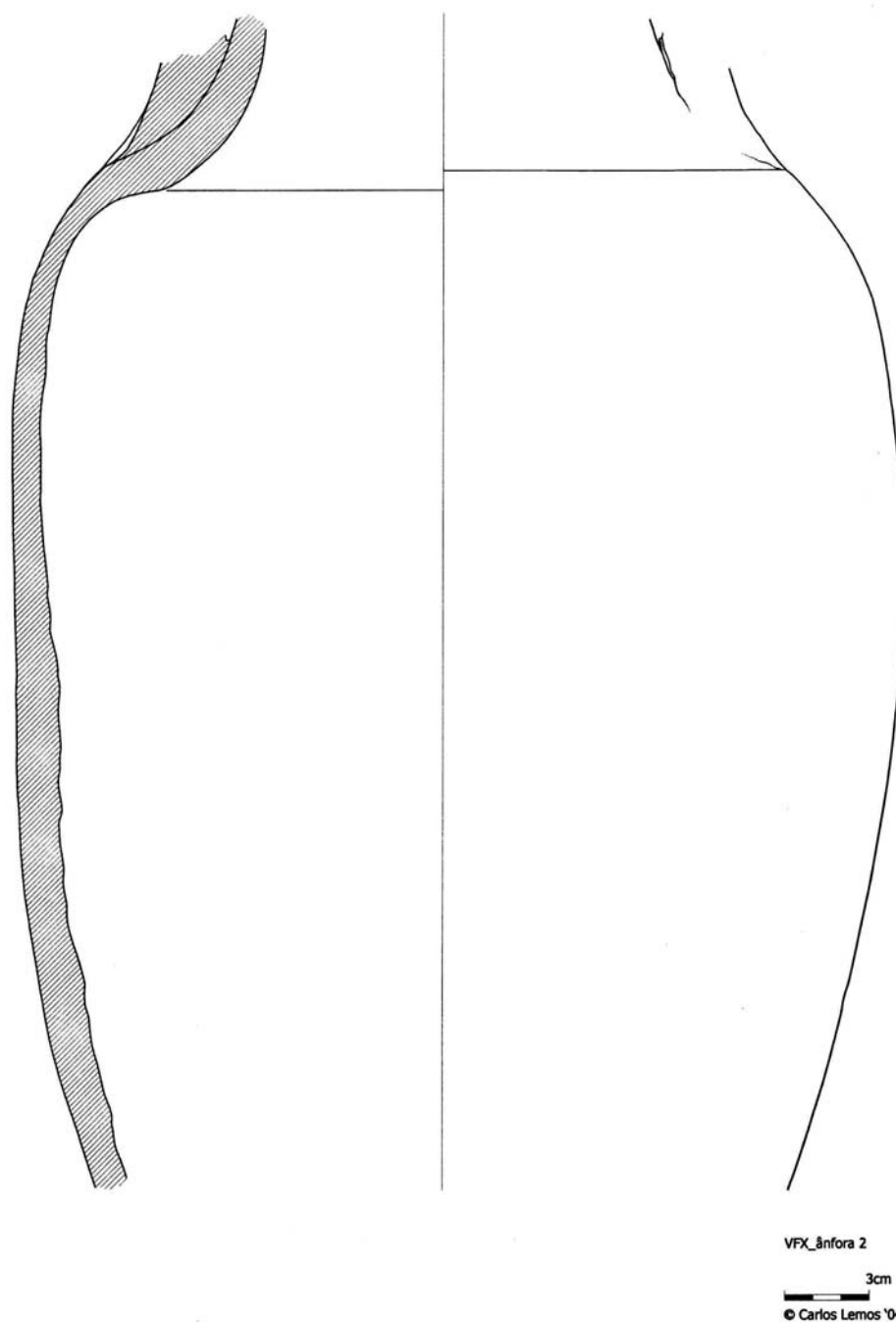
Alt.: 104,7 cm. Alt. do colo: 41 cm. Larg. máx. do colo: 13,5 cm. Diâm. int. do bordo: 12 cm. Larg. máx. da pança: 27,3 cm.

Encontrada possivelmente junto ao Mouchão da Póvoa.

Encontra-se em exposição no Museu Municipal de Vila Franca de Xira.



Est. 7



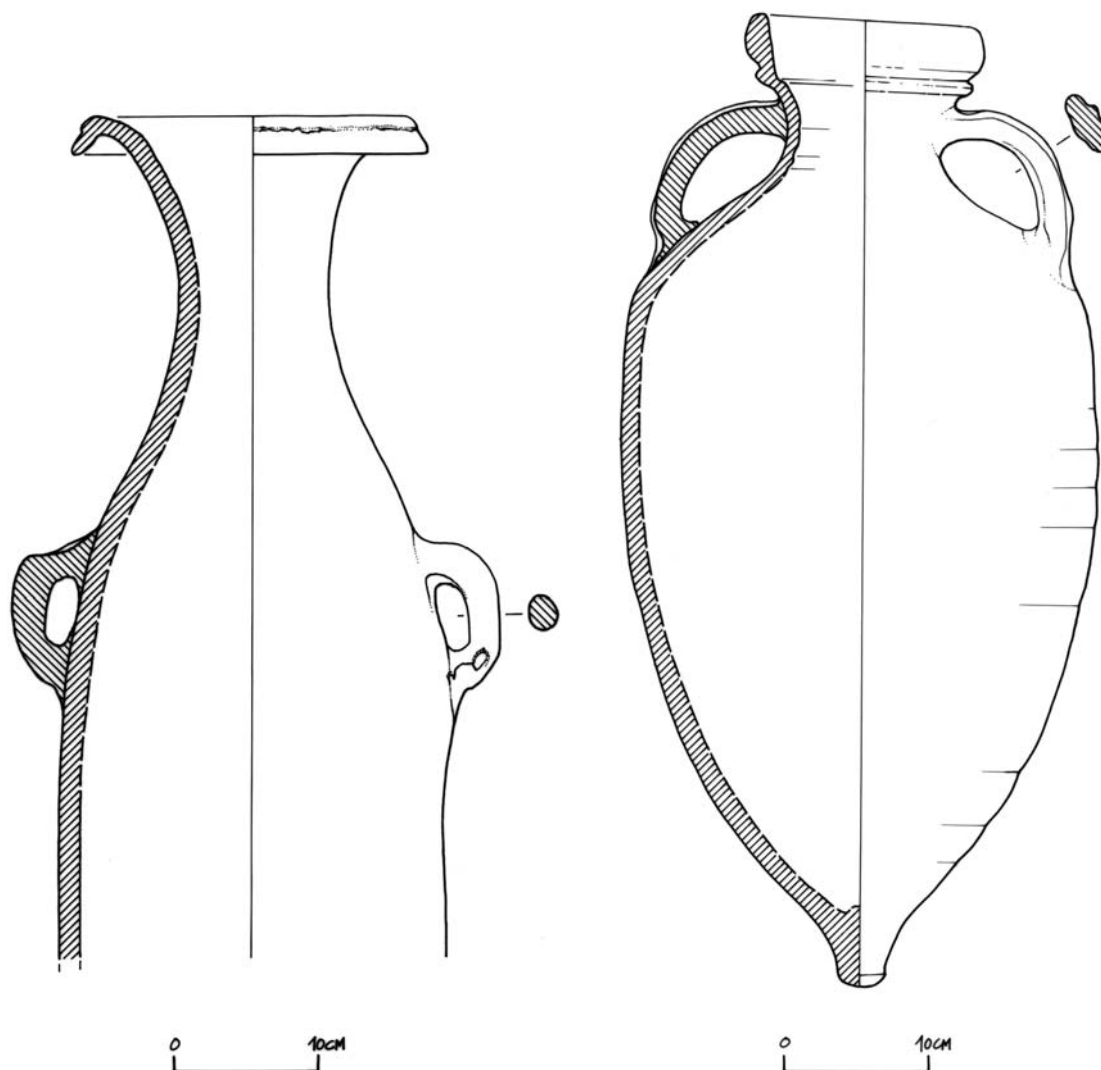
Est. 8

8 (AR-152) – Fragmento de pança com arranque de colo e de asa. Classe 3/4/5 = Dressel 1 a/b/c. Origem itálica.

Pasta semicomcompacta. Grão médio. Cor N19 = 10 R 6/6 = vermelho-claro. E.n.p. compostos por bastantes areias negras, quartzo hialino e quartzo leitoso de pequenas dimensões.

Alt. máx. obs.: 42,2 cm. Larg. máx. da pança: 31,8 cm.

Encontrada no Rio Tejo.



Est. 9

Est. 10

9 (AR-122) – Peça a que falta a metade inferior. Classe 32 = Maña C2b. Origem gaditana. Pasta compacta, laminar e depurada. Grão fino/médio. Cor N39 = 2,5 YR 6/8 = vermelho-claro. Superfície de cor R92 = 5 Y 5/1 = cinzento. E.n.p. compostos por alguma mica negra, quartzo hialino e mica branca de pequenas dimensões, alguns feldspatos de grandes dimensões. Bordo esvertido formando um lábio pendente bilobado. Colo bitrocónico alto. Corpo cilíndrico. Asas pequenas, em orelha, de secção redonda, com mau acabamento, apresentando algumas zonas achatadas. Diâm. int. do bordo: 24,3 cm. Larg. máx. da pança: 29,1 cm. Encontrada junto ao Mouchão da Póvoa. Encontra-se em exposição no Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

10 (AR-080) – Peça intacta. Classe 67. Origem no Gualdalquivir. Pasta porosa. Grão médio. Cor M77 = 2,5 Y 7/4 = Amarelo-claro, não sendo possível verificar se nalgumas zonas atinge a cor P91 = 5 Y 5/4 = oliva, como em Ar-083. E.n.p. compostos

por bastante mica negra e quartzo hialino de pequenas dimensões e calcite de pequenas e médias dimensões.

Bordo espessado externamente, estando separado do colo por um ressalto. Asas curtas, em fita, com duas nervuras longitudinais bem salientes e unguilação no fundo de cada uma. Pança de secção ovóide, estreitando em direcção ao fundo. O bico fundeiro, compacto, é de secção ligeiramente troncocónica, com carena suave junto ao fundo.

Alt.: 68 cm. Diâm. int. do bordo: 13,6 cm. Larg. máx. da pança: 35,1 cm. Alt. do bico fundeiro: 4,1 cm.

Encontrada ao largo de Alverca.

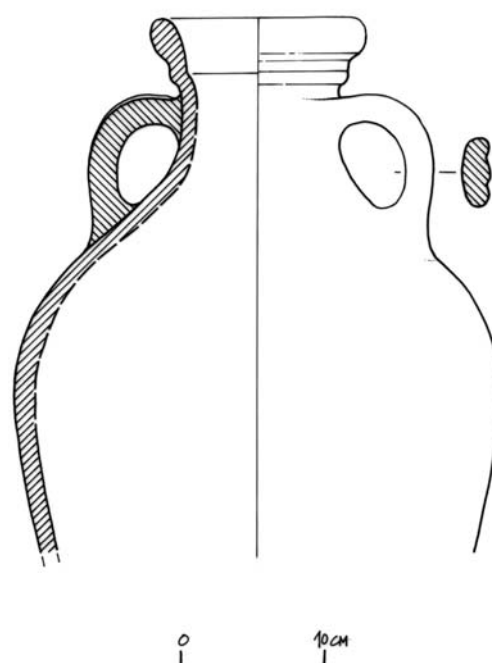
Encontra-se em exposição no Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

11 (AR-083) – Peça a que falta a metade inferior. Classe 67. Origem no Guadalquivir.

Pasta porosa. Grão médio. Cor M77 = 2,5 Y 7/4 = amarelo-claro, por vezes, P91 = 5 Y 5/4 = oliva. E.n.p. compostos por bastante mica negra e quartzo hialino de pequenas dimensões, calcite de pequenas e médias dimensões.

Bordo espessado externamente, estando separado do colo por um ressalto. Asas curtas, arqueadas, em fita, com duas caneluras longitudinais, pouco profundas, e unguilação no fundo de cada uma. Pança de secção subovóide, estreitando suavemente em direcção ao fundo. Diâm. int. do bordo: 12 cm. Larg. máx. da pança: 33,1 cm.

Encontrada junto ao Mouchão da Póvoa.



Est. 11

12 (AR-121) – Peça intacta. Classe 15 = Haltern 70. Origem no Guadalquivir.

Pasta porosa. Grão médio. Cor variando entre M35 = 5 YR 7/4 = rosa e M20 = YR 7/6 = amarelo-vermelho. E.n.p. compostos por bastante quartzo hialino e leitoso de pequenas e médias dimensões, mica negra de pequenas dimensões, alguma plagioclase e calcite de médias dimensões.

Bordo extrovertido formando um lábio de secção rectangular. Colo bitroncocónico. Asas curvas de secção oval, com canelura longitudinal, denunciando mau acabamento. Corpo ovóide, estreitando um pouco em direcção ao fundo. Bico fundeiro compacto, troncocónico, com uma suave carena antes do fundo.

Alt.: 78,3 cm. Diâm. int. do bordo: 14,5 cm. Larg. máx. do colo: 13,9 cm. Larg. máx. da pança: 33,2 cm. Alt. do bico fundeiro: 8,5 cm.

Encontrada junto ao Mouchão da Póvoa.

13 (Diogo e Alves, 1988-1989, n.º 5) – Peça intacta. Classe 16a = Dressel 7-11. Origem gaditana.

Colecção particular.

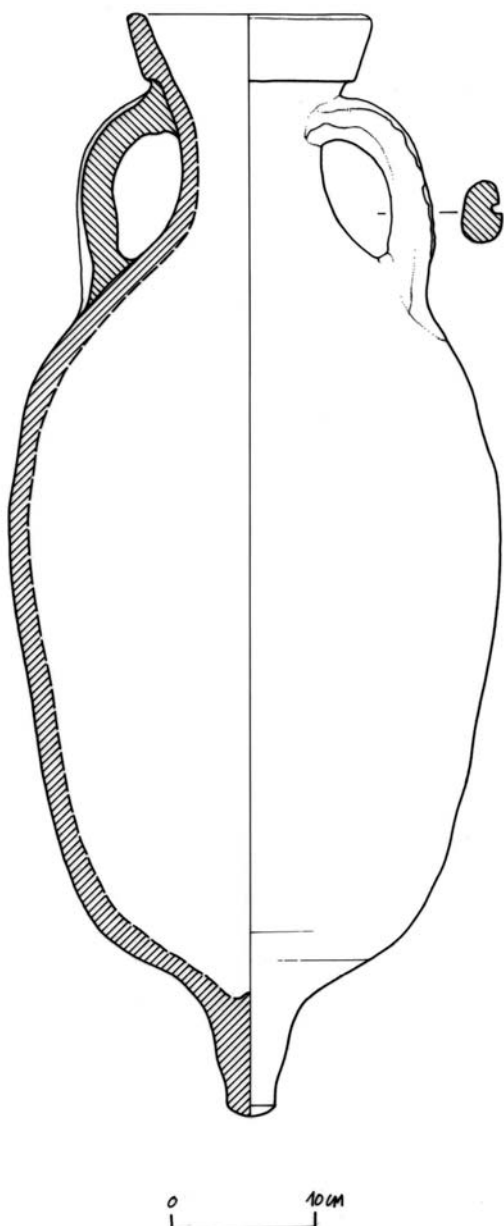
“Lábio extrovertido, de fita, moldurado e ligeiramente pendente. Colo largo e cilíndrico. Asa

curta, gamiforme, de fita ovalada e bilobada na face superior por um sulco profundo. Bojo ovóide. Fundo cilíndrico e oco, de base convexa.

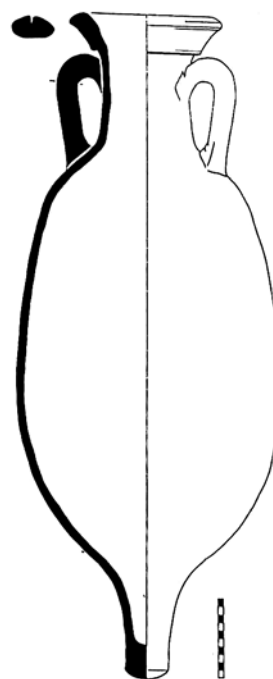
Pasta bege-rosada, dura e arenosa, de pequeno grão, com quartzos hialinos e leitosos, calcites e minúsculas micas”.

Alt.: 84,2 cm.

Encontrada junto a Alcochete.



Est. 12



Est. 13

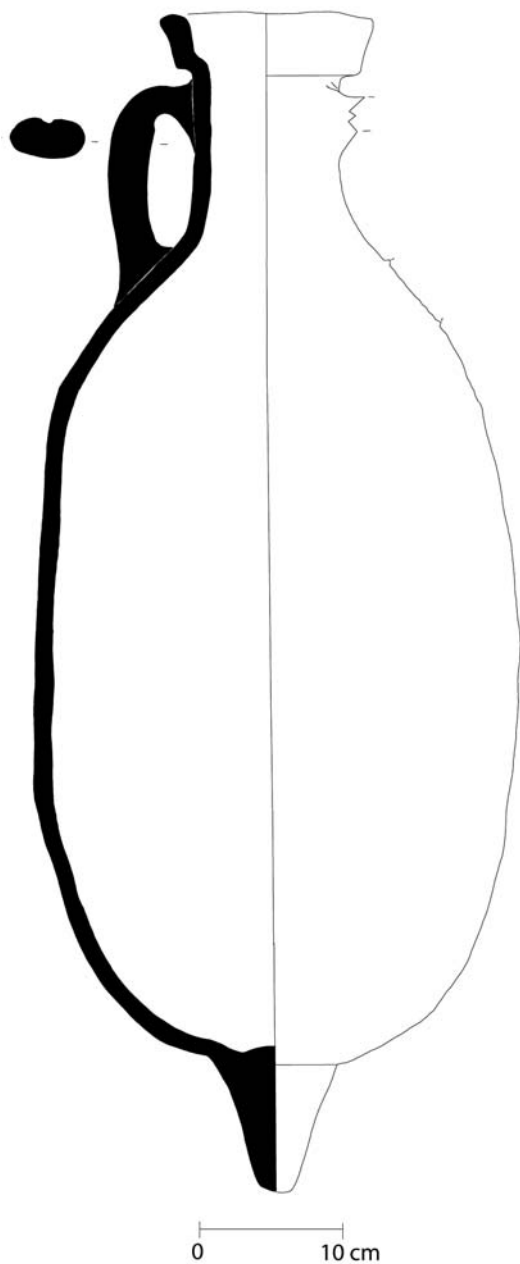
14 (AR-156) – Peça a que apenas falta uma asa. Classe 15 = Haltern 70. Origem tagana ou sadina.

Pasta semicompacta. Grão médio. Cor M49 = 5 YR = 7/4 = rosa. E.n.p. compostos por quartzo hialino, quartzo leitoso, mica branca de pequenas dimensões, feldspatos de médias e grandes dimensões.

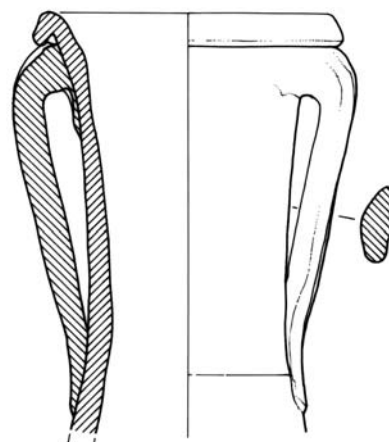
Bordo extrovertido formando um lábio alto de secção rectangular. Colo alto, levemente bitroncocónico. Asa curva de secção oval, com canelura longitudinal. Corpo cilíndrico, algo oval, um pouco irregular. Bico fundeiro compacto, troncocónico.

Alt.: 83,1 cm. Diâm. int. do bordo: 10,9 cm. Larg. máx. do colo: 12,1 cm. Larg. máx. da pança: 33,8 cm.

Encontrada no Rio Tejo.



Est. 14

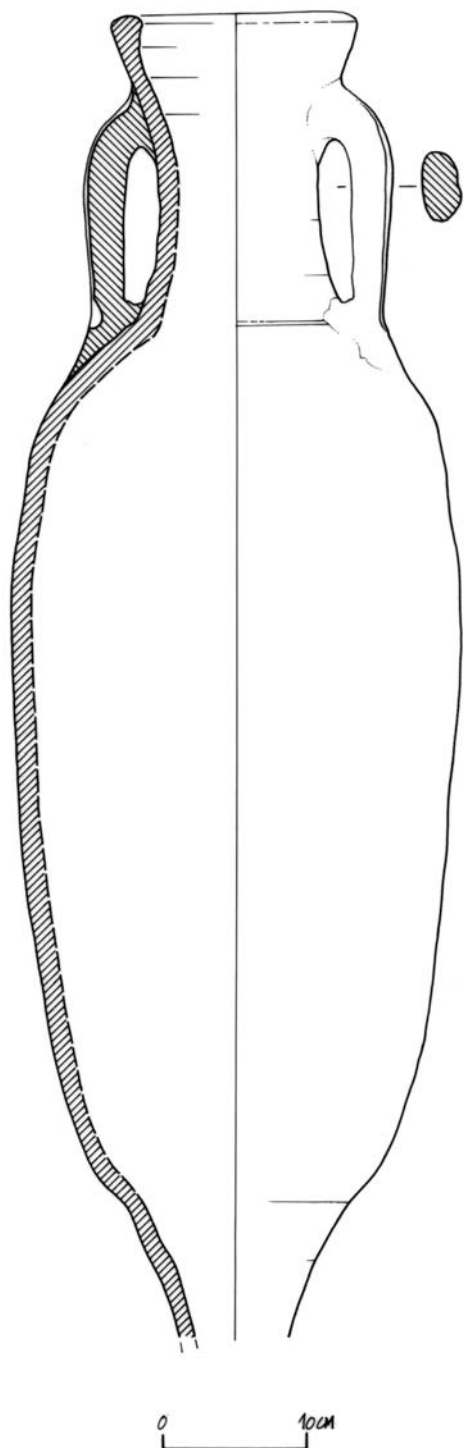


Est. 15

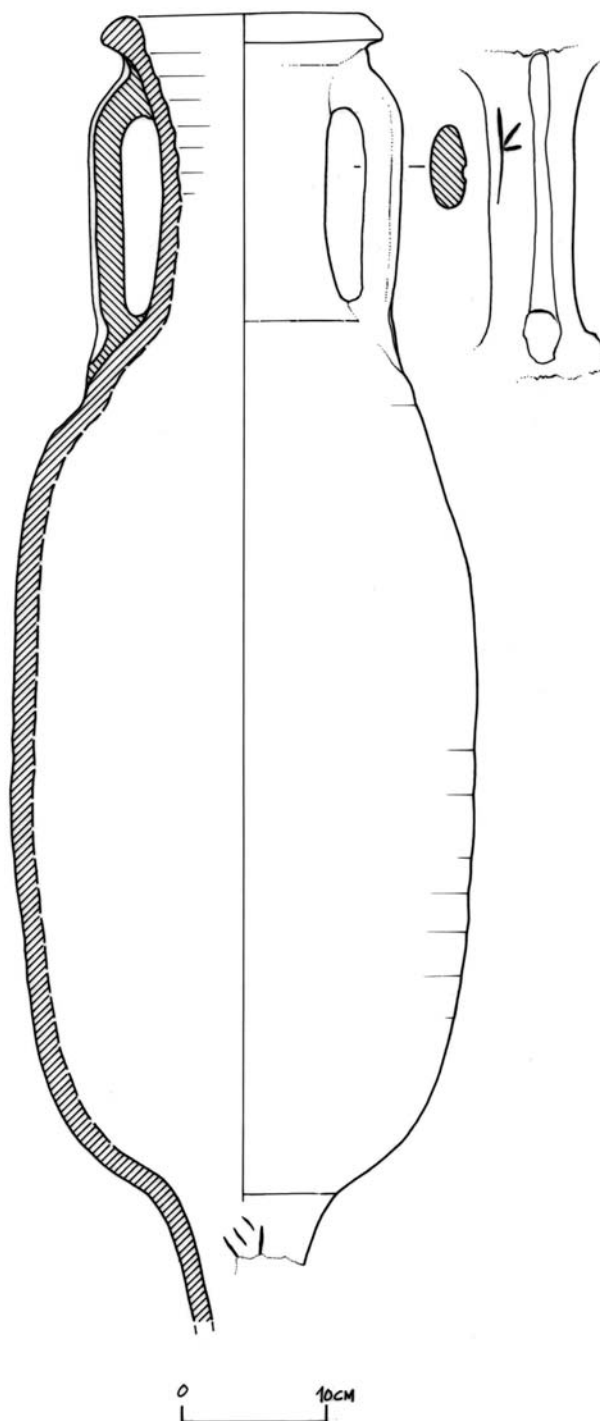


Est. 16

15 (AR-120) – Bordo e colo, com asas inteiras. Classe 18 = Beltrán IIa. Origem gaditana. Pasta compacta e depurada, laminar. Grão fino/médio. Cor P40 = 2,5 Y 5/8 = rouge. E.n.p. compostos por alguma mica branca e negra de pequenas dimensões. Bordo extrovertido formando um pequeno lábio pendente. Colo suavemente troncocónico. Asas compridas de secção gamiforme, algo irregulares. Diâm. int. do bordo: 16,9 cm. Larg. máx. de colo observável: 16 cm. Encontrada junto ao Mouchão da Póvoa.



Est. 17



Est. 18

16 (Diogo e Alves, 1988-1989, n.º 3) – Peça intacta. Classe 20/21 = Dressel 14. Origem tagana ou sadina.

Colecção particular.

“Lábio perolado de aresta. Colo alto e extrovertido. Bojo barrilóide. Fundo tronco-cónico, de base em glande e espessada internamente. Asas de fita, gamifomes, com a face superior bilobada”.

Alt.: 100,5 cm.

Pasta bege-rosada, arenosa, com quartzos hialinos e leitosos, calcites e pequenas micas.”

17 (AR-082) – Peça a que falta a metade inferior do bico fundeiro. Classe 20/21 = Dressel 14. Origem tagana ou sadina.

Pasta semicomcompacta. Grão médio. Cor M45 = 5 YR 7/7 = amarelo-vermelho. E.n.p. compostos por bastante quartzo hialino e leitoso de médias dimensões, alguma plagioclase de médias e grandes dimensões e mica branca de pequenas dimensões.

Bordo extrovertido espessado internamente. Colo bitroncocónico. Asas de secção em fita, com suave canelura longitudinal e unguilação no fundo das mesmas. Corpo esguio, estreitando ligeiramente em direcção ao fundo. Bico fundeiro oco e cónico, no troço superior observável.

Alt. observável: 93,5 cm. Diâm. int. do bordo: 12,7 cm. Alt do colo: 21,6 cm. Larg. mín. do colo: 11,2 cm. Larg. máx. da pança: 30,6 cm.

Encontrada junto ao Mouchão da Póvoa.

18 (AR-75 = Diogo e Alves, 1988-1989, n.º 2 = Alves e Carreira, 1994, p. 264) – Peça a que falta a metade inferior do bico fundeiro. Classe 20/21 = Dressel 14. Origem tagana ou sadina. Pasta semicomcompacta. Grão médio. Cor M70 = 7,5 YR 7/4 = rosa/M71 = 10 YR 7/4 = castanho muito claro. E.n.p. compostos por bastante quartzo hialino e leitoso e mica negra de pequenas e médias dimensões e mica branca de pequenas dimensões.

Bordo de secção subtriangular, esvasado, tal como o colo, bitroncocónico. Asas verticais, em fita, com canelura longitudinal e unguilação na base.

Grafito sobre uma das asas e sobre o topo do bico fundeiro.

Alt. observável: 91,6 cm. Diâm. int. do bordo: 14,3 cm. Alt do colo: 21,4 cm. Larg. máx. do colo: 12,6 cm. Larg. máx. da pança: 32 cm.

Encontrada junto ao Mouchão da Póvoa.

19 (AR-155) – Fundo e pança intactos. Arranque de asas e metade inferior do colo. Classe 20/21 = Dressel 14. Origem tagana ou sadina.

Pasta semi-compacta. Grão médio. Cor M25 = 2,5 YR 6/4 = Castanho-vermelho-claro. E.n.p. compostos por quartzo hialino e leitoso de pequenas e médias dimensões, mica branca de pequenas dimensões, feldspatos de médias dimensões.

Arranque de asa com canelura longitudinal. Pança semicilíndrica, estreitando um pouco em direcção ao fundo. Bico fundeiro oco, cónico, com leve glande na base.

Grafito no topo do bico fundeiro.

Alt. obs.: 90,4 cm. Larg. máx. da pança: 30,9 cm. Alt. do bico fundeiro: 16,1 cm.

Encontrada no Rio Tejo.

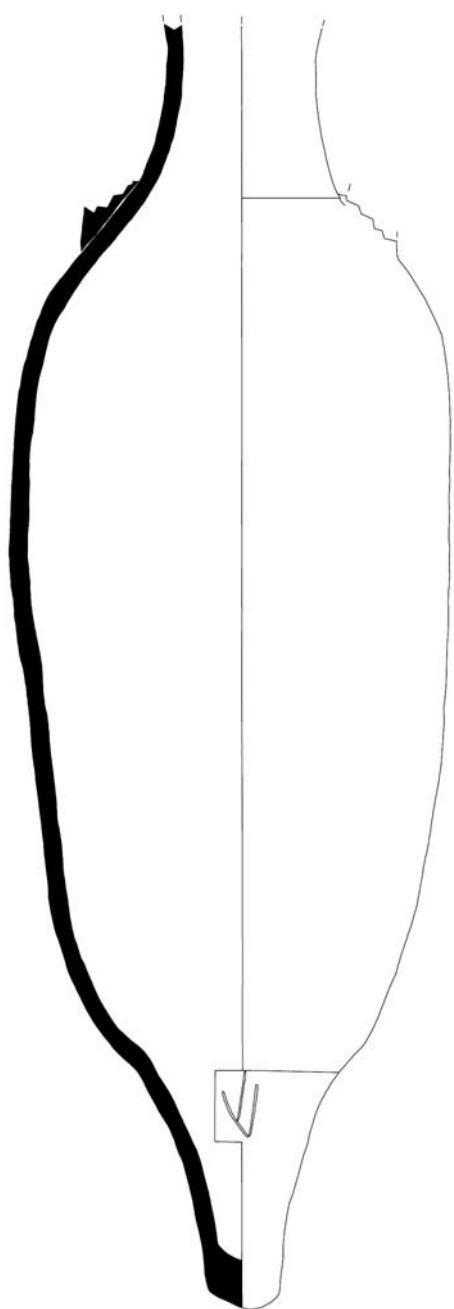
20 (AR-119) – Pança com arranque das asas e bico fundeiro. Classe 20/21 = Dressel 14. Origem tagana ou sadina.

Pasta semicompacta. Grão médio. Cor N39 = 2,5 YR 6/8 = vermelho claro. E.n.p. compostos por bastante quartzo hialino e leitoso de grandes dimensões, mica negra de médias dimensões e mica branca de pequenas dimensões.

Pança mais larga do que a do n.º AR-082. Asas de secção em fita, com canelura longitudinal. Bico fundeiro separado da pança por quebra na linha do perfil, oco e cónico, no troço superior observável.

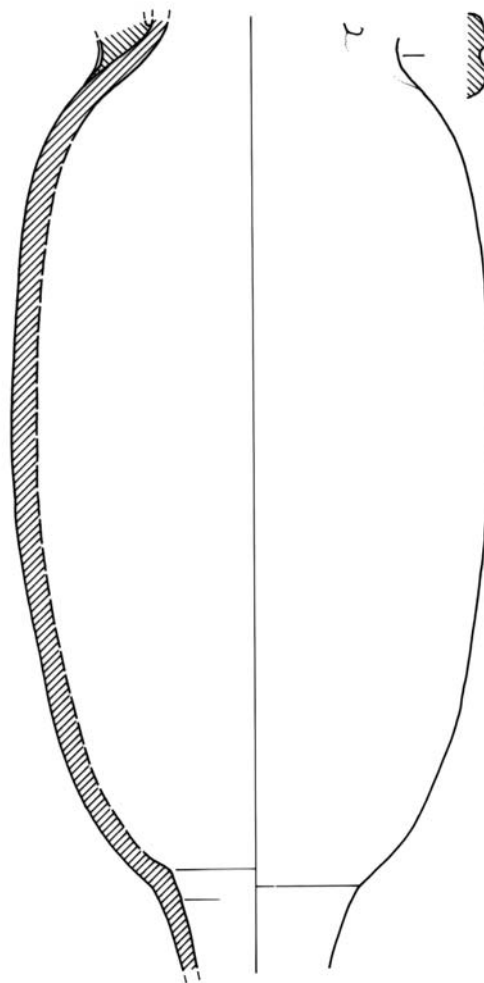
Alt da pança: 63 cm. Larg. máx. da pança: 32 cm.

Encontrada junto ao Mouchão da Póvoa.



Est. 19

0 10 cm



Est. 20

0 10 cm

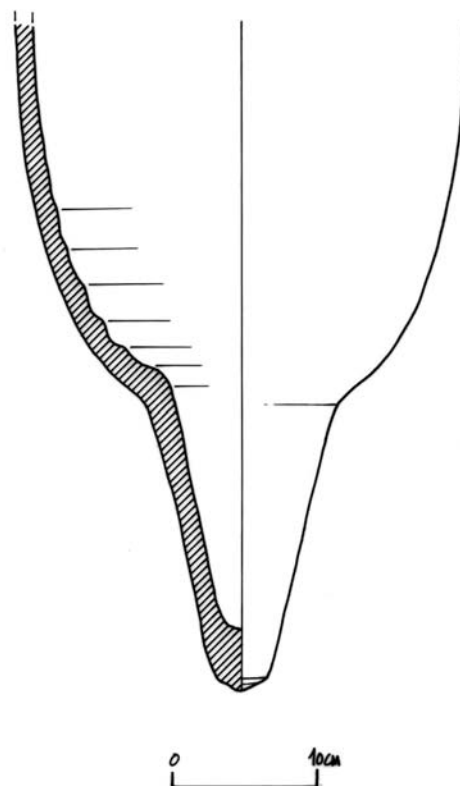
21 (AR-126) – Fundo e fragmento de pança. Classe 20/21 = Dressel 14. Origem tagana ou sadina.

Pasta semicompacta, com alguns vácuos longos. Grão médio. Cor N45 = 5 YR 6/6 = amarelo-vermelho. E.n.p. compostos por bastante quartzo hialino, mica branca e negra e alguma calcite de pequenas dimensões.

Bico fundeiro de secção triangular, oco, mas compacto junto à base, a qual forma, externamente, um pequeno botão. Quebra de linha de perfil, na junção da pança com o fundo.

Larg. máx. observável da pança: 33 cm. Alt. do bico fundeiro: 20,6 cm. Larg. máx. do bico fundeiro: 13 cm.

Encontrada junto ao Mouchão da Póvoa.



Est. 21

22 (AR-149) – Peça intacta. Lusitana 3. Origem tagana ou sadina.

Pasta semicompacta. Grão médio. Cor M71 = 10 YR 7/4 = castanho muito claro. E.n.p. compostos por bastante quartzo hialino e leitoso de médias e grandes dimensões e mica branca de pequenas dimensões.

Bordo extrovertido, espessado externamente, possuindo canelura a meia altura. Asas arqueadas, de secção em segmento de arco, com canelura longitudinal. Colo cónico, separado da pança por linha de quebra de perfil. Corpo piriforme. Fundo em pé-de-anel. Superfícies bem alisadas.

Alt. 46,7 cm. Alt. do colo: 6,9 cm. Larg. máx. do colo: 9,8 cm. Diâm. int. do bordo: 9 cm. Larg. máx. da pança: 34,8 cm. Alt. do fundo: 1,5 cm. Diâm. do fundo: 7,9 cm.

Encontrada no Rio Tejo.

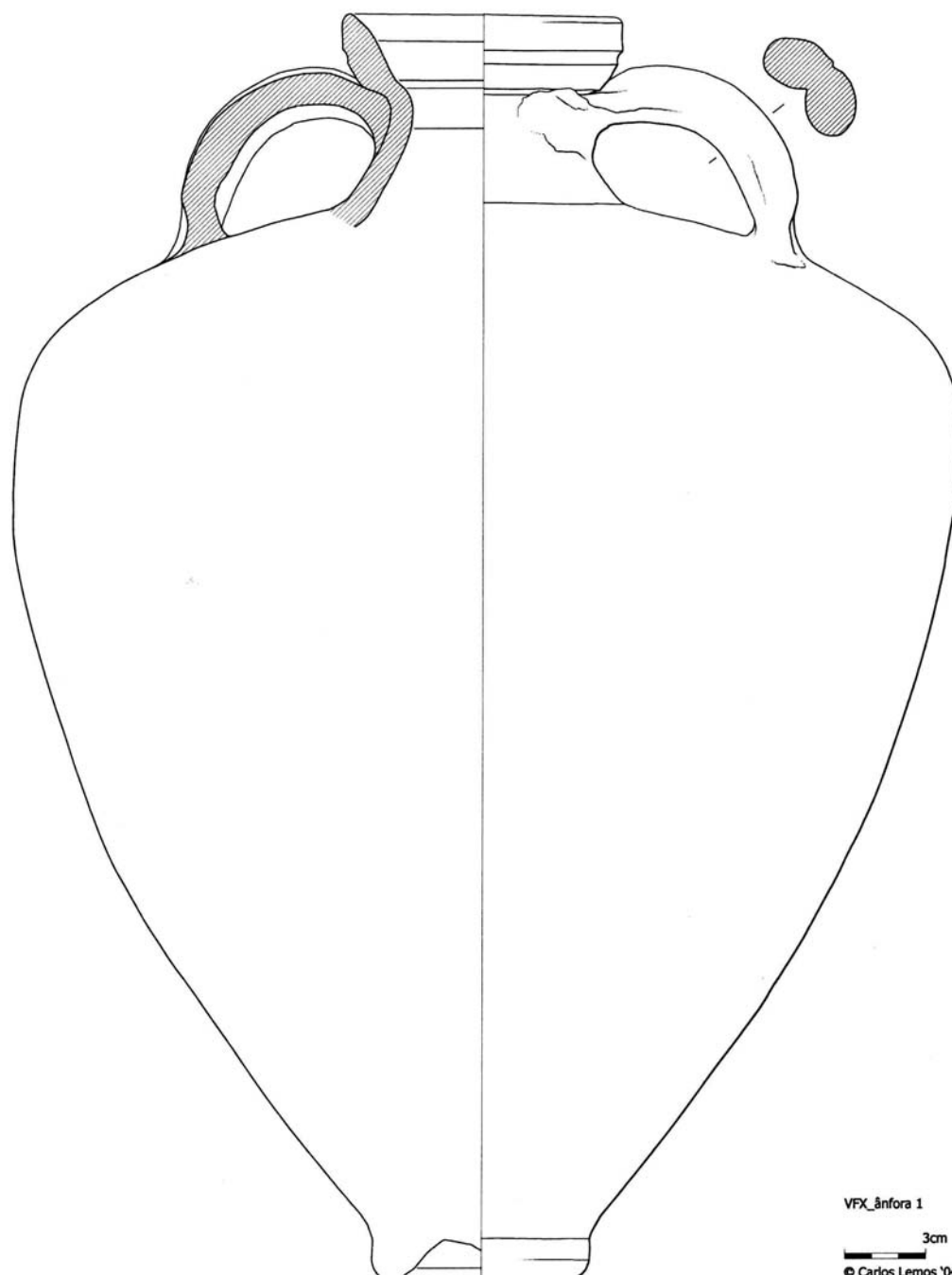
23 (AR-70 = Diogo e Alves, 1988-1989, n.º 1 = Alves e Carreira, 1994, p. 265) – Peça intacta. Lusitana 3. Origem tagana ou sadina.

Pasta semicompacta. Grão médio. Cor N35 = 5 YR 6/3 = castanho-vermelho-claro. E.n.p. compostos por bastante quartzo hialino e leitoso de pequenas e médias dimensões, calcite e mica branca de pequenas dimensões.

Bordo extrovertido, levemente espessado externamente, possuindo canelura a meia altura, embora mal marcada e, em certos segmentos, inexistente. Asas arqueadas, de secção em segmento de arco, com canelura longitudinal externa e interna. Colo cónico, separado da pança por linha de quebra de perfil. Corpo piriforme. Fundo em pé-de-anel. Superfícies alisadas.

Alt. 46,1 cm. Alt. do colo: 8 cm. Larg. máx. do colo: 11,1 cm. Diâm. int. do bordo: 8,4 cm. Larg. máx. da pança: 32,1 cm. Alt. do fundo: 2,3 cm. Diâm. do fundo: 7,7 cm.

Encontrada entre Alcochete e o Mouchão da Póvoa.



Est. 22

24 (AR-105) – Peça intacta. Lusitana 3. Origem tagana ou sadina.

Pasta semicompacta. Grão médio. Cor N39 = 2,5 YR 6/8 = vermelho claro. E.N.P. compostos por bastante quartzo hialino e leitoso de grandes dimensões, mica negra de grandes dimensões e mica branca de pequenas dimensões.

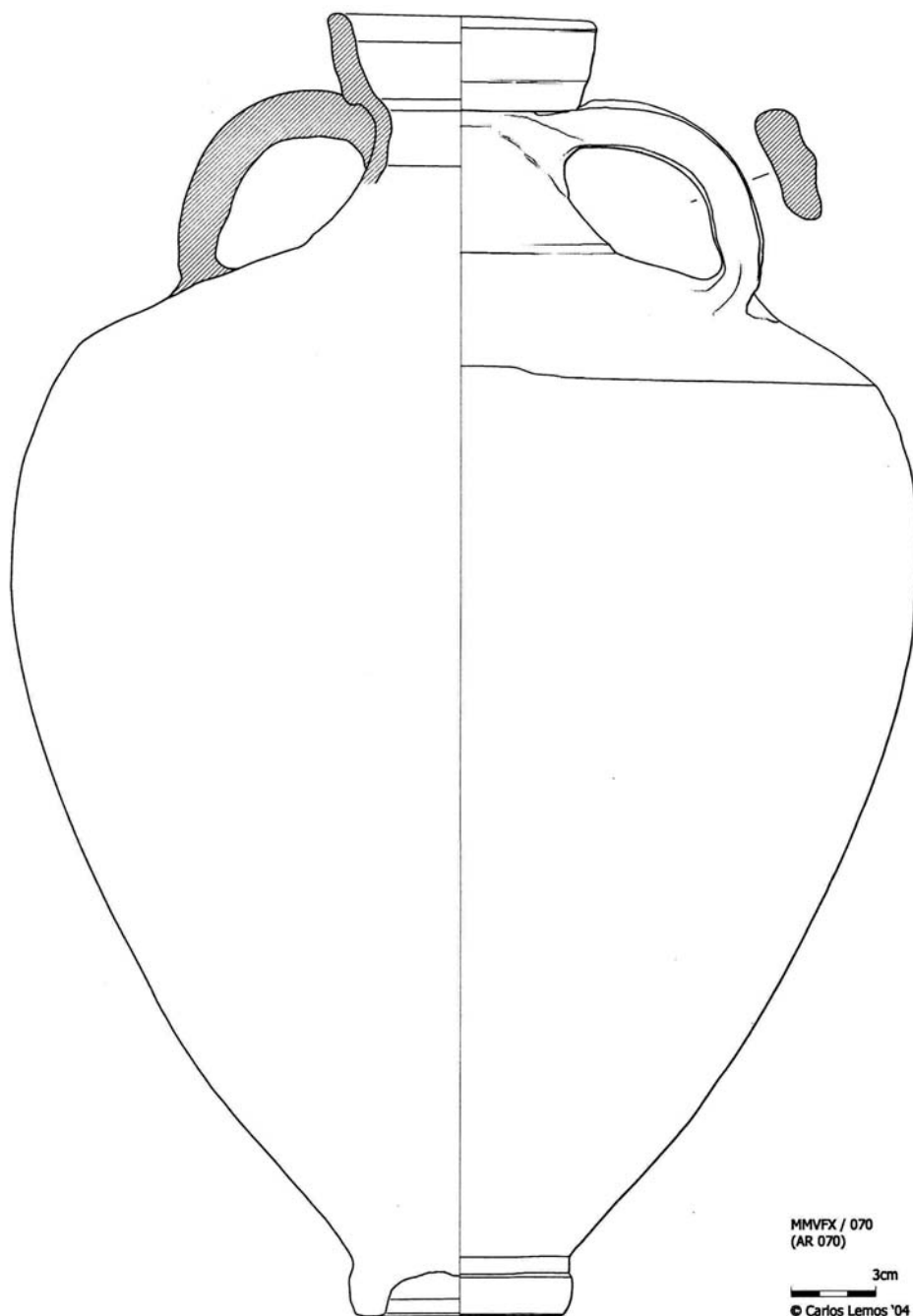
Bordo extrovertido, espessado externamente, possuindo canelura a meio. Asas arqueadas, de secção em segmento de arco, com canelura longitudinal. Colo cónico, separado da pança por linha de quebra de perfil. Corpo piriforme. Fundo em pé-de-anel. Superfícies bem alisadas.

Alt.: 46,4 cm. Alt. do colo: 7,2 cm. Larg. máx. do colo: 10,4 cm. Diâm. int. do bordo: 8,7 cm. Larg. máx. da pança: 34,4 cm. Alt. do pé-de-anel: 1,6 cm. Diâm. do pé-de-anel: 8 cm.

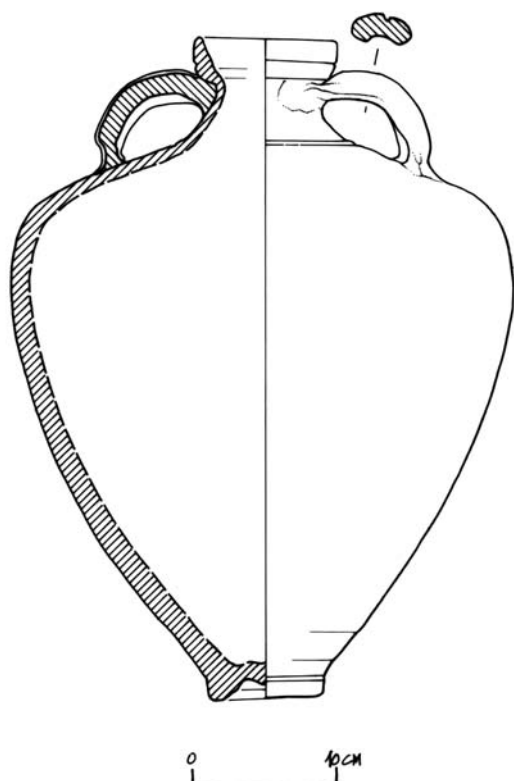
Encontrada no Rio Tejo.

Encontra-se em exposição no Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

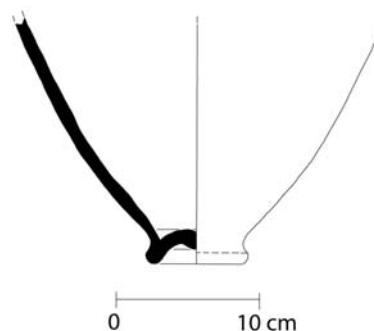
25 (AR-140) – Fundo e arranque de pança. Lusitana 3. Origem tagana ou sadina. Pasta semicompacta. Grão médio. Cor cinza no interior e M37 = 2,5 YR 6/6 = vermelho claro, nas superfícies. E.n.p. compostos por bastante quartzo hialino e leitoso de pequenas e médias dimensões, mica branca, negra e calcite de pequenas dimensões. Diâm. do pé-de-anel: 7,1 cm. Alt. do pé-de-anel: 1,8 cm. Encontrada no Rio Tejo.



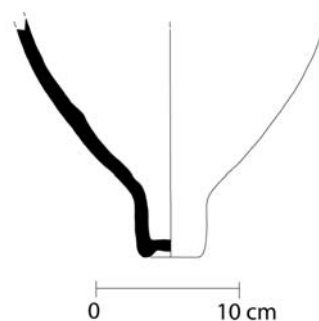
Est. 23



Est. 24



Est. 25



Est. 26

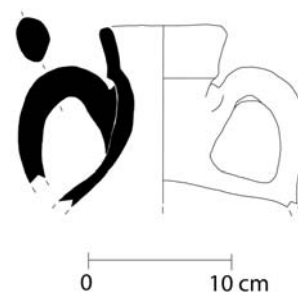
26 (AR-141) – Fundo e arranque de pança. Almagro 51 c. Origem tagana ou sadina.

Pasta semicompacta. Grão médio. Cor M25 = 2,5 YR 6/4 = castanho-vermelho-claro. E.n.p. compostos por bastante quartzo leitoso de pequenas a grandes dimensões, mica branca de pequenas dimensões, calcite de médias dimensões e feldspatos de médias e grandes dimensões.

Bico fundeiro cilíndrico, oco, onfalado.

Diâm. do fundo: 4,7 cm. Alt. do fundo: 4,4 cm.

Encontrada no Rio Tejo.



Est. 27

27 (AR-157) – Bordo e arranque de pança, com asas, uma delas parcialmente destruída. Classe 31 = Dressel 28. Origem gaditana.

Pasta compacta e algo depurada. Grão fino médio. Cor M45 = 5 YR 7/7 = amarelo-vermelho. E.n.p. compostos por alguma mica branca e calcite de pequenas dimensões e feldspatos de médias dimensões.

Bordo levemente extrovertido, formando um lábio alto de secção rectangular, com ligeira depressão a meio. Asas curvas, de secção oval, assentam no ombro irregular da pança.

Diâm. int do bordo: 6,4 cm.

Encontrada no Rio Tejo.

NOTAS

- ¹ Todas as estampas são de autoria de Carlos Lemos, excepto as n.ºs 14, 19, 25, 26 e 27, da autoria do signatário, n.º 2, digitalizada pelo signatário sobre desenho de Carlos Lemos, e n.ºs 13 e 16, extraídas de Diogo; Alves, 1988-89. Este artigo foi realizado enquanto bolseiro de estudo de especialização da Fundação Calouste Gulbenkian.
- ² O conceito de “circuito do estreito”, substituído do de “círculo do estreito”, foi proposto na Mesa Redonda *Presença fenícia no Ocidente: O Estado da Questão*, realizado em Almada, entre 29 e 31 de Outubro de 1999.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, F.; CARREIRA, J. R. (1994) - Lisboa submersa. In *Lisboa subterrânea*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 261-274.
- AMARO, C. (1990) - Olaria romana da Garrocheira, Benavente. In ALARCÃO, A.; MAYET, F., eds. (1990) - *Les amphores lusitaniennes. Typologies, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*. Paris: De Boccard, p. 87-96.
- ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. (1998) - As ânforas da classe 32 da Alcáçova de Santarém (campanhas de 1983-1991). *Conimbriga*. Coimbra, 37, p. 201-231.
- BANHA, C. (1991-1992) - As ânforas da “villa” romana de Povos. *CIRA. Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira, 5, p. 49-90.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1977) - Problemas de la morfología y del concepto histórico-geográfico que recubre la noción tipo. In *Méthodes classiques et méthodes formelles ans l'étude des Amphores (actes du colloque de Rome. 27-29 Mai 1974)*. Roma: École Française de Rome, p. 97-131.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1990) - *Guía de la cerámica romana*. Zaragoza: Libros Pórtico.
- CABRAL, J.M.P.; GOUVEIA, M.A.; MORGADO, I. (1995) - Caracterização químicas das produções de ânforas do vale do Tejo: I - Porto dos Cacos. In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: Câmara Municipal; Lisboa: D. Quixote, p. 301-322.
- CAILLEUX, A. (s.d.) - *Notice sur le code des couleurs des sols*. Paris: N. Boubée et Cie.
- CARDOSO, G. (1990) - O forno de ânforas de Muge. In ALARCÃO, A.; MAYET, F., eds. (1990) - *Les amphores lusitaniennes. Typologies, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*. Paris: De Boccard, p. 153-166.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (1990) - O contexto oleiro de Muge na produção romana do médio e baixo Tejo. In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: Câmara Municipal; Lisboa: D. Quixote, p. 167-178.
- CARRERAS MONFORT, C. (2003) - Haltern 70: a review. *Journal of Roman Pottery Studies*. Oxford, 10, p. 85-92.
- COLLS, D. [et al.] (1977) - L'épave Port-Vendres II et le commerce de la Bétique à l'époque de Claude. *Archaeonautica*. Paris, 1.
- COSTA, J.B. (1993) - *Estudo e classificação das rochas por exame macroscópico*. 8ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- DIOGO, A.M.D. (1987a) - Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 5, p. 179-191.
- DIOGO, A.M.D. (1987b) - Ânforas provenientes do rio Tejo (Salvaterra de Magos), no Museu do Mar. *Arqueologia*. Porto, 16, p. 112-114.
- DIOGO, A.M.D. (1987-88) - Notícias de dois vestígios romanos no concelho de Vila Franca de Xira. *CIRA. Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira, 5, p. 107-112.
- DIOGO, A.M.D.; ALVES, F. (1988-1989) - Ânforas provenientes do meio fluvial nas imediações de Vila Franca de Xira e de Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 6-7, p. 227-240.
- DUARTE, A.L.; RAPOSO, J.M. (1995) - Elementos para a caracterização das produções anfóricas da Quinta do Rouxinol (Corroios/Seixal). In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: Câmara Municipal; Lisboa: D. Quixote, p. 237-248.
- FABIÃO, C. (1989) - *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- FABIÃO, C. (1994) - As ânforas. In NOLEN, J.U.S., ed. - *Cerâmicas e vidros de Torres d'Ares. Balsa*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 17-36.
- FABIÃO, C. (1998) - O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 1:1, p. 169-198.
- FABIÃO, C. (2004) - Centros oleiros da Lusitânia. Balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In BERNAL, D.; LAGÓSTENA, L., eds. - *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la bética romana. Actas del Congreso Internacional (Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003)*. Oxford: Archaeopress, p. 379-410.
- FABIÃO, C.; CARVALHO, A. (1990) - Ânforas da Lusitânia: uma perspectiva. In ALARCÃO, A.; MAYET, F., eds. (1990) - *Les amphores lusitaniennes. Typologies, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga*. Paris: De Boccard, p. 37-64.
- GARCÍA VARGAS, E. (1998) - *La producción de ânforas en la bahía de Cádiz en época romana (siglos II a.C. - IV d.C.)*. Écija: Gráficas Sol.
- GATEAU, F. (1990) - Amphores importées durant le IIe s. av. J.-C. dans trois habitats de Provence occidentale: Entremont, Le Baou-Roux, Saint-Blaise. *Documents d'Archéologie Méridionale*. Lattes, 13, p. 163-183.

- HESNARD, A.; RICQ, M.; ARTHUR, P. R.; PICON M.; TCHERNIA, A. (1989) - Aires de production des gréco-italiques et des Dressel 1. In *Amphores romaines et histoire économique: dix ans de recherche. Actes du colloque de Sienne (22-24 mai 1986)*. Roma: École Française de Rome, p. 23-65.
- LILLO CARPIO, P. (1986) - Habitats singulares en la Edad Antigua (I). La Cueva de las Peñas Blancas en las Lomas de la Carrasca (Cartagena). *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia. 2, p. 121-130.
- MAYET, F. (2001) - Les amphores lusitaniennes. In LÉVÊQUE, P.; MOREL, J.-P., eds. - *Céramiques hellénistiques et romaines. III*. Paris-Besançon: Presses Universitaires Franc-Comtoises, p. 277-293.
- MAYET, F.; SCHMITT, A.; SILVA, C. T. (1996) - *Les amphores du Sado (Portugal). Prospection des fours et analyse du matériel*. Paris: De Boccard.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. (1998) - *L'atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*. Paris: De Boccard.
- MOLINA VIDAL, J. (1993) - Las ánforas «Lomba do Canho 67». Aportaciones al estudio de un nuevo tipo: difusión y valoración económica. In *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología*. Vol. II. Vigo, p. 419-424.
- PANELLA, C. (2001) - Le anfore di età imperiale del Mediterraneo occidentale. LÉVÊQUE, P.; MOREL, J.-P., eds. - *Céramiques hellénistiques et romaines. III*. Paris-Besançon: Presses Universitaires Franc-Comtoises, p. 177-275.
- PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D. F. (1986) - *Amphorae and the Roman economy. An introductory guide*. London-New York: Longman.
- PINED REYES, J.; ALONSO CAMPOY, D. (2004) - El yacimiento submarino de la Isla de Escombreras. In *Scombraria. Le historia oculta bajo el mar*. Cartagena: Museo Arqueológico de Murcia, p. 128-151.
- QUARESMA, J. C.; CALAIS, C. (2005) - S. Pedro (Coruche): novos dados para o processo de romanização do vale do Sorraia na época augustana e júlio-cláudia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 429-448.
- RAMÓN, J. (1981) - *Ibiza y la circulación de ánforas fenicias y púnicas en el Mediterráneo occidental*. Ibiza: Consejería de Cultura, Educación y Deportes.
- RAPOSO, J. (1990) - Porto dos Cacos: uma oficina de produção de ânforas romanas no vale do Tejo. In ALARCÃO, A.; MAYET, F., eds. (1990) - *Les amphores lusitaniennes. Typologies, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga*. Paris: De Boccard, p. 117-151.
- RAPOSO, J. M.; DUARTE, A. L. (1995) - O forno 2 do Porto dos Cacos (Alcochete). In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: Câmara Municipal; Lisboa: D. Quixote, p. 249-266.
- SILVA, C.T.; SOARES, J. (1993) - *Ilha do Pessegueiro. Porto romano da costa alentejana*. Lisboa: I.C.N.